

Editorial

O presente número contém o primeiro estudo encomendado pelo Gabinete de Estudos a&b com o objectivo específico de se destinar a publicação nas *PÁGINAS*. Talvez que a ideia não constitua novidade mas, entre nós e no nosso sector de actividade, surge como embrião de qualquer coisa nova, ousada e diferente. Se continuarmos a receber os incentivos que até hoje não têm faltado, este embrião vai desenvolver-se e, quem sabe, dar azo a outras iniciativas igualmente gratificantes. Ao trabalho original de Maria Manuel Borges abrindo perspectivas para o futuro numa área sensível a que nenhum profissional escapa, segue-se outra contribuição também interessante das colegas Luiza Baptista Melo e Maria Isabel Monteiro da Universidade Lusíada (Porto) que enriquece a revista na medida em que constitui um trabalho sistemático e metodológico sobre a realidade portuguesa. É absolutamente indispensável que passemos a debruçar-nos, como as autoras destes dois artigos fizeram, sobre a realidade que conhecemos e tentemos sistematizá-la de modo a podermos concluir numa forma crítica aqueles aspectos positivos e negativos que estão por trás quer do desenvolvimento quer do anquilosamento das nossas bibliotecas. É crucial que as bibliotecas portuguesas não olhem apenas mas vejam; ao olhar, averbar, criticar e ousando passar à fase de implantação. Depois o trabalho dum grupo de colegas da Biblioteca da Faculdade de Letras do Porto sobre o porquê do virtual. Bem a propósito numa época em que se é marginalizado quando não se abraça a nova tecnologia. Uma correcta e atempada chamada de atenção. Ainda, uma secção nova que decidimos intitular *Debate & Crítica* e onde albergaremos recensões críticas ou outros trabalhos com carácter intervencionista. Uma secção que pode estabelecer o diálogo com os leitores ... se estes entenderem por bem responder. Que venham as questões, que venham as respostas. Finalmente um magnífico artigo

facultado pelo Instituto Superior de Engenharia do Porto e que não podia ilustrar melhor o *Ler Muito Prazer*. Pleno e lírico, profundo e contundente. É com uma satisfação enorme que reproduzimos este artigo por tão bem se coadunar com o título da secção. Um número integralmente composto por colaborações de autores portugueses, num conjunto bem interessante, que nos pareceu equilibrado.

Agora, os aspectos negativos que temos obrigação de referir. Antes de mais as gralhas cometidas no número 6. Tantas que nem me atrevo a enumerar! Só podemos apresentar tantos pedidos de desculpa quanto as gralhas. Por um conjunto de infelizes coincidências que escaparam completamente ao nosso controlo. Mil desculpas. Mas pior do que gralhas tipográficas, os erros ortográficos. Como foi possível que acontecesse?! Como foi possível que ninguém se apercebesse?! Não encontramos nenhuma explicação, boa ou má. Errámos, é tudo. Mil desculpas outra vez.

Finalmente, as alterações de última hora. Uma das coisas mais complexas de fazer é o cálculo exacto do número de páginas dos trabalhos que os autores vão mandar. Chega a acontecer, às vezes, com os textos na mão ou mesmo já com a primeira prova sobre a secretária, ter de decidir então sobre o que fica e o que sai. E não é apenas uma questão de páginas. Há outros aspectos a ponderar para que o equilíbrio se consiga. Ora, como todos entenderão, há um limite que é sobretudo ditado por razões de ordem financeira. O equilíbrio torna-se tão mais complexo quanto é verdade que as *PÁGINAS* vivem apenas das assinaturas e dos apoios que conseguem. Sempre no fio da navalha. Ora, nós sabemos que seria formidável imprimir mais cadernos, mas sabem a diferença que um caderno a mais ou a menos faz? E não fora esta razão um argumento vital, teríamos ainda o argumento de que as *PÁGINAS* não podem transformar-se numa amálgama desnorteada. Nada disso. Pelo contrário, a opção é manter um equilíbrio saudável entre as capacidades financeiras e um sumário coerente, sem irrealismos nem cedências. Concordam?

A fechar, uma palavra de boas-vindas ao Colega Luís Cabral. Os elementos que já asseguravam as *PÁGINAS* sempre mantiveram com o Luís Cabral sintonia relativamente a muitos aspectos profissionais e, ao longo destes quatro anos, tivemo-lo nas nossas discussões, nos nossos avanços e hesitações. Era, então, natural associá-lo formalmente às *PÁGINAS* enriquecendo o naipe de perfis responsáveis pela revista. Congratulamo-nos por isso e agradecemos-lhe a disponibilidade.

Convictos que este número vos proporcionará matéria de reflexão, despedimo-nos até 2002. Para todos, Festas Felizes.

MARIA LUÍSA CABRAL